

Trajectórias escolares, propriedades sociais e origens nacionais: descendentes de imigrantes no ensino básico português

Teresa Seabra¹, Sandra Mateus²

Resumo:

Analisam-se, neste texto, os percursos escolares dos descendentes de imigrantes, e seus colegas autóctones, na escolaridade básica (2º ciclo e 3º ciclo), contemplando variáveis como a naturalidade e a nacionalidade dos próprios e dos seus ascendentes, a classe social e a escolaridade dos progenitores, a experiência escolar, as aspirações e as expectativas escolares. Os resultados indicam que a origem nacional, quando controlado o efeito das variáveis de caracterização sociodemográfica, tem pouco impacto nos percursos escolares dos alunos e que se prefiguram como sendo mais relevantes as habilitações escolares dos pais e o sexo dos alunos.

Palavras-chave: Descendentes de imigrantes; Educação; Propriedades sociais; Desempenho escolar; Aspirações

A democratização do acesso ao ensino registou nas últimas décadas, nomeadamente no contexto português, uma evolução considerável. Mas os resultados alcançados dentro do sistema, o princípio de igualdade de oportunidades promovido pelo mesmo, e a qualidade dos percursos oferecidos continuam fortemente marcados pelos princípios de diferenciação social e cultural que atravessam a realidade mais vasta. Como afirmam Costa e outros (2000:31), os graus de escolaridade, não sendo o único recurso distribuído desigualmente nas sociedades contemporâneas, é um dos que mais impacte tem provocado nas reconfigurações do espaço social, um dos domínios onde se denota mais claramente “quer a importância crescente dos processos transversais, que hoje ocorrem a nível mundial, em contexto de globalização, quer a persistência das diferenças nacionais, se bem que elas próprias em transformação”. Neste sentido pode referir-se, por exemplo, o aumento da pressão migratória nos últimos anos, com impactos exercidos directamente sobre a instituição escolar.

Em 2006, Portugal contabilizava entre a sua população residente cerca de 4,5% de imigrantes, entre os quais se destacavam nacionalidades como a Ucrainiana e a Brasileira, com uma presença mais recente, a par com as nacionalidades oriundas desde

¹ Docente ISCTE-IUL/ Investigadora CIES/ISCTE-IUL, Lisboa.

² Investigadora CIES/ISCTE-IUL, Lisboa.

há décadas dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa), como a cabo-verdiana ou a angolana. No sistema de ensino, os dados disponíveis em 2003/2004 indicavam que 5% dos alunos da escola básica e secundária (1º ao 12º anos)³ eram descendentes de imigrantes. Entre as suas principais origens encontrávamos os PALOP (50,1%), a União Europeia (14,7%) e o Brasil (12,9%). Cerca de 70% destes alunos frequentam escolas da região de Lisboa. Os dados disponíveis sobre as taxas de diplomação destes alunos (1994/95 a 2003/04) revelam diferenças consistentes entre as diferentes origens nacionais: pior desempenho escolar dos alunos com origem nos PALOP e, nos últimos anos lectivos, dos oriundos do Brasil e melhor desempenho dos que são oriundos da Índia-Paquistão e da União Europeia (Seabra, 2008).

As propriedades familiares, como a classe social, a etnicidade, ou o capital escolar existente no seio da família constituem-se como critérios significativos de diferenciação social face aos sistemas de ensino-aprendizagem, pois todas as pesquisas têm revelado terem estas propriedades um impacto estrutural no sistema de oportunidades/desigualdades desenvolvidos através dos processos de escolarização. Mas como se configurarão, e que peso assumirão, estas propriedades nas trajectórias dos alunos oriundos dos movimentos imigratórios, ou seja, entre os alunos descendentes de imigrantes?

Os dados que se apresentam decorrem de dois projectos de investigação que, entre 2001 e 2008 analisaram os percursos escolares dos descendentes de imigrantes na escolaridade básica (2º ciclo e 3º ciclo, respectivamente) em confronto com os dos seus colegas autóctones, tendo em conta variáveis como a classe social, a naturalidade e a nacionalidade dos próprios e dos seus progenitores, a escolaridade detida pelos progenitores, os modos de viver a experiência escolar, as aspirações e as expectativas escolares.⁴

Para o efeito, foram aplicados dois inquéritos por questionário, em diferentes escolas e em diferentes momentos:

a) o IALL (Inquérito aos Alunos dos concelhos de Lisboa e Loures), aplicado em 2003 em oito escolas do 2º ciclo do ensino básico (5º e 6º anos), que abrangeu 837 alunos, dos quais 44% são descendentes de imigrantes;

b) o ITEOP (Inquérito às Trajectórias Escolares e Orientações Profissionais), realizado em 2007 a todos os alunos do 9º ano de 13 escolas dos distritos de Lisboa, Setúbal e Faro, seleccionadas em função da elevada concentração de estrangeiros. Inquiriram-se 1197 alunos, sendo 34% descendentes de imigrantes.⁵

A origem nacional dos alunos foi definida através da naturalidade dos pais dos alunos. Assim, consideraram-se “autóctones” os alunos com ambos os pais nascidos em Portugal, ou referem-se a casos em que algum dos pais nasceu numa ex-colónia portuguesa (quando os avós nasceram em Portugal) ou ainda casos de pais e/ou o

³ O sistema educativo português estrutura-se, actualmente, num período de escolaridade obrigatória de 9 anos e um de 3 anos correspondente ao ensino secundário. Os nove anos da escolaridade obrigatória subdividem-se em 3 ciclos: o 1º tem quatro anos (1º ao 4º ano), o segundo ciclo tem dois anos (5º e 6º anos) e o terceiro tem três anos (7º ao 9º anos).

⁴ Os projectos denominam-se, por ordem de realização: “Condições e processos de integração ou exclusão dos descendentes de imigrantes na escola: o caso dos cabo-verdianos e indianos em Portugal”, CIES/ISCTE (38835/SOC/2001); e “Etnicidade, trajectórias escolares e orientações profissionais: jovens descendentes de imigrantes no finalizar da escolaridade obrigatória”, CIES/ISCTE (POCI/SOC/57872/2004), ambos financiados pela FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia, e coordenados por Teresa Seabra.

⁵ Neste projecto participaram também como bolsseiras Elisabete Rodrigues e Magda Lalanda Nico.

próprio aluno a nascerem em países tipicamente de emigração portuguesa (quando os avós nasceram em Portugal). Com a designação de “descendentes de imigrantes” designam-se todos os alunos com pelo menos um dos pais nascidos no estrangeiro.

Para efeitos da presente análise, o indicador dos resultados escolares seleccionado foi a (in)existência de reprovações na trajectória escolar, sendo considerado “sucesso escolar” a situação em que, desde o início da escolaridade, não ocorreu qualquer retenção.

Pretende-se avaliar a relevância comparativa das propriedades familiares, sociais e étnicas, através de indicadores como a escolaridade, a classe social e origem nacional, na definição das trajectórias escolares das crianças e jovens descendentes de imigrantes, alunos do 2º e 3º ciclo. Equaciona-se, assim, a relevância destas dimensões na explicação das diferenciadas trajectórias e desempenhos dos alunos descendentes de imigrantes, e a primazia, o efeito de reforço ou de anulação existente na relação que estabelecem entre si. Especificamente, as questões de partida da presente análise são as seguintes: i) De que modo as propriedades sociais e culturais dos jovens se cruzam e influenciam a trajectória escolar? ii) Qual a centralidade das dimensões origem étnica, classe social, género e escolaridade dos progenitores?

1. Os alunos a meio do percurso da escolaridade obrigatória (5º e 6º anos)

Através da realização do IALL, abrangemos um total de 369 alunos descendentes de imigrantes, sendo 109 oriundos da Índia e 110 de Cabo Verde (quadro 1). Conhecidos pelo antagonismo em termos da qualidade da sua trajectória escolar, em que alunos de origem cabo-verdiana revelam trajectórias menos caracterizadas pelo sucesso que os restantes alunos e os alunos de origem indiana revelam percursos de maior sucesso que os restantes alunos (Seabra e Mateus, 2003), procurou-se apreender as relações entre as condições sociais das famílias e os resultados escolares contrastantes obtidos por estes dois grupos de migrantes.

Quadro 1.

Origem nacional dos alunos inquiridos

Origem nacional	nº	%
Autóctones	468	66
Origem imigrante	369	44
Cabo Verde	110	13
Índia	109	13
Outras origens	150	18

Fonte: IALL (2003)

Importa, antes de mais, comparar as condições sociais, avaliadas pela classe social do grupo doméstico⁶ e pelo nível de qualificação escolar dos progenitores

⁶ A classificação resulta da prévia classificação da categoria socio-profissional do pai e da mãe e tem por base uma tipologia desenvolvida por João Ferreira de Almeida, António Firmino da Costa e Fernando Luís Machado. Neste caso, aplicou-se o procedimento de Costa (1999). A agregação das classes que se apresenta foi a realizada por Machado, Matias e Leal (2005).

(quadro 2)⁷. No seu conjunto, os alunos de origem imigrante não vivem em famílias com perfil social muito diverso das dos seus pares autóctones, excepto no que se refere à escolaridade do pai, que é superior no caso dos primeiros alunos. O confronto entre os alunos de origem indiana e cabo-verdiana revela contrastes bastante expressivos: as famílias dos primeiros pertencem, mais frequentemente, às classes médias (predomínio dos trabalhadores independentes), a mãe é menos escolarizada e o pai, pelo contrário, atingiu um nível de escolaridade mais elevado.

Quadro 2.

Classe social e escolaridade dos progenitores dos alunos inquiridos, por origem nacional (%)

Origem nacional	Classes sociais		Escolaridade mãe		Escolaridade pai	
	Populares	Médias/ altas	≤ 2º ciclo	≥ 3º ciclo	≤ 2º ciclo	≥ 3º ciclo
Autóctones	61,6	38,4	61,1	38,9	61,8	38,2
Origem imigrante	61,4	38,6	58,7	41,3	43,2	56,8
Origem C. Verde	77,7	22,3	68,7	31,3	68,0	32,0
Origem Índia	46,1	53,9	73,9	26,1	50,0	50,0
Total	61,3	38,7	60,1	39,9	54,0	46,0

Fonte: IALL (2003)

Primeiramente, analisemos os resultados obtidos variando apenas o sexo do aluno e a sua origem nacional (quadro 3): como tem sido documentado por todas as pesquisas empíricas, as raparigas conhecem, mais frequentemente, o sucesso escolar e os alunos de origem indiana obtêm resultados muito superiores aos de origem cabo-verdiana.

Quadro 3.

Sucesso escolar segundo sexo e origem nacional (%)

		(%)	Δ %
Sexo	Raparigas	66,2	9,0
	Rapazes	57,2	
Origem nacional	Autóctones	61,7	0,7
	Origem Imigrante	61,0	
	Origem Cabo Verde	43,6	29,8
	Origem Índia	73,4	

Fonte: IALL (2003)

⁷ A segmentação realizada nos níveis de escolaridade atingidos pretendeu separar os pais que apenas cumpriram a escolaridade obrigatória de 6 anos, que era a vigente no período em que frequentaram a escolaridade básica, dos que estudaram para além do que era obrigatório.

Analisando a relação entre o desempenho escolar e os níveis de escolaridade atingidos pelos progenitores (quadro 4), verificamos uma significativa amplitude na variação do sucesso escolar, no sentido já detectado em todas as pesquisas que têm precedido esta: quanto maior a escolaridade maior a probabilidade de se realizar uma escolaridade de sucesso. De facto, controlando a escolaridade dos pais e das mães dos alunos inquiridos verificamos que, globalmente, o sucesso escolar aumenta na relação directa com as habilitações dos pais. Confrontando os resultados tendo em conta a origem nacional dos alunos, verificamos que para todos os subgrupos é claro o efeito da maior escolaridade dos pais no desempenho escolar.

Quadro 4.

Sucesso escolar segundo a escolaridade dos progenitores (%)

		Total	Autóctones	Origem Imigrante	Origem C. Verde	Origem Índia
Mãe	≥ 3º ciclo	79,1	80,1	77,8	70,4	95,8
	≤ 2º ciclo	53,7	53,2	54,4	39,0	64,2
Pai	≥ 3º ciclo	77,9	85,3	71,0	70,8	79,1
	≤ 2º ciclo	51,8	49,5	56,3	39,2	65,1

Fonte: IALL (2003)

Se compararmos os alunos autóctones com os que têm origem imigrante, controlando o efeito da escolaridade dos progenitores, verificamos que quando estamos perante baixas qualificações académicas, estes últimos tendem a superar os primeiros no sucesso escolar, transformando-se esta vantagem em desvantagem quando as habilitações dos pais são médias ou alta. Ao confrontarmos os resultados dos alunos autóctones com os de origem indiana e cabo-verdiana, constata-se que a hierarquia de resultados entre os subgrupos não se altera, ou seja, são melhores os resultados dos alunos de origem indiana, seguindo-se os dos alunos autóctones e na base encontramos os dos alunos de origem cabo-verdiana, com excepção dos alunos cujos pai tem escolaridade média/alta, pois, neste caso, os resultados são piores do que os dos seus pares autóctones.

Tanto para o conjunto dos alunos como para cada subgrupo em análise, a variação dos resultados obtidos ao longo da trajectória escolar aparece fortemente associada à condição de classe dos progenitores (quadro 5). Numa leitura agregada das classes sociais, salienta-se a distância significativa entre o sucesso escolar dos alunos inseridos em famílias das classes médias/altas e o dos alunos que vivem em famílias populares (Δ 20%), reduzindo-se esta diferença no caso dos alunos com origem na imigração e, no caso dos alunos oriundos da Índia, a situação inverte-se, ou seja, neste caso, os alunos que vivem em famílias das classes populares têm melhor desempenho escolar que os seus pares de origem das classes média/alta.

Quadro 5.

Sucesso escolar segundo classe social dos progenitores (%)

Classes sociais	Total	Autóctones	Origem Imigrante	Origem Cabo Verde	Origem Índia
Médias/altas	75,2	79,6	69,5	56,5	69,6
Populares	54,9	52,6	57,9	43,8	77,1

Fonte: IALL (2003)

O sobreinvestimento na escolaridade dos descendentes de imigrantes das classes populares é também visível no conjunto dos dados, pois os alunos com este perfil conseguem obter mais sucesso escolar que os seus colegas autóctones quanto todos se inserem em famílias com este perfil social. Esta superação dos resultados dos descendentes de imigrantes em relação aos dos alunos autóctones, quando todos vivem em agregados domésticos pertencentes às classes populares, tem sido documentada pelas pesquisas realizadas em vários países com tradição na presença de imigrantes na escola (Boulot e Boyzon-Fradet, 1988; Tribalat, 1995; Vallet, 1996; Vernez e Abrahamse, 1996) e, já nos anos setenta do século passado, Portes e Wilson (1976) se questionavam porque tinham os negros melhores resultados do que os brancos, caso se controlasse a classe social.

Em suma, considerando os subgrupos nucleares a esta análise destacam-se algumas conclusões: i) os alunos com origem na imigração e que vivem em famílias com condições sociais desfavorecidas (pertencentes às classes populares ou com os pais com baixa escolaridade) revelam melhor desempenho escolar do que os seus pares autóctones, com a excepção dos alunos cujas famílias são oriundas dos PALOP; ii) mesmo controlando a condição de classe familiar, os alunos com origem indiana fazem uma trajectória escolar menos marcada pela reprovação, sendo particularmente expressiva a diferença no caso das famílias pertencentes às classes populares (comparativamente aos seus pares de origem cabo-verdiana, menos 33% dos alunos experimentou a reprovação); iii) entre os alunos de origem indiana, a variação no desempenho assume uma excepção à regra, uma vez que os alunos inseridos em famílias das classes média e alta (onde se incluem os trabalhadores independentes) revelam pior desempenho escolar que os pares das classes populares.

Com o objectivo de completarmos a presente análise, foram calculados os coeficientes de associação entre as diferentes variáveis consideradas e as trajectórias escolares (número de reprovações), de modo a evidenciar diferenças entre elas (quadro 6). O primeiro aspecto que sobressai é a maior relação do desempenho escolar com as condições socioprofissionais e as qualificações escolares dos progenitores do que a origem nacional dos alunos.

Quadro 6.

Associação entre o número de reprovações e o perfil socio-cultural da família (VCramer)

	Todos os alunos	Autóctones	Origem imigrante	Origem Cabo-verdiana	Origem indiana
Classe social familiar	0,20	0,25	0,18	0,25	0,30
Escolaridade mãe	0,21	0,23	0,19	0,29	0,22
Escolaridade pai	0,23	0,32	0,11	0,19	0,09
Origem nacional	0,14	-	-	-	-

De um modo geral, verifica-se que as habilitações literárias dos pais estão associadas às trajectórias escolares, sendo a do pai particularmente importante no caso dos alunos autóctones e a da mãe no caso dos alunos de origem cabo-verdiana. No caso dos alunos com origem indiana, a variável que assume estar mais fortemente associada aos resultados escolares é a classe social de pertença dos progenitores.

Vejamos se estes resultados foram corroborados na pesquisa desenvolvida poucos anos depois, junto dos alunos que, neste caso, já concluíam a escolaridade básica de nove anos que, em Portugal, corresponde à escolaridade obrigatória.

2. Os alunos na conclusão da escolaridade obrigatória (9º ano)

A segunda pesquisa realizada pela equipa, cujo inquérito foi aplicado em 2007 (ITEOP), e que se encontra em fase de conclusão, abrangeu 1194 alunos do 9º ano de escolaridade. Neste caso, cerca de 34% dos alunos inquiridos são descendentes de imigrantes, entre os quais se destacam, sobretudo, as famílias com origem em Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), em que pelo menos um dos pais é natural do continente africano (quadro 7). Nas “outras origens”, entre outros, encontramos o Leste Europeu (6,9%), a Ásia e o Brasil (ambos representam 3% dos alunos inquiridos).

Quadro 7.

Origem nacional dos alunos inquiridos

Origem	%	nº
Autóctones	66,1	784
Origem imigrante	33,9	403
Origem PALOP	20,3	240
Outras origens	7,3	87

Fonte: ITEOP (2007)

Em termos de caracterização geral, assinala-se que a maior parte dos alunos inquiridos se insere em famílias das classes populares (59%) e a maioria dos pais completou, pelo menos, a escolaridade de nove anos. Nas famílias autóctones a mãe completou, mais frequentemente, uma escolaridade mais prolongada, mas nas de origem imigrante o pai tende a ter maiores qualificações académicas, aspecto coincidente com o estudo realizado anteriormente pela equipa. As mães e pais imigrantes com outras origens que não os países africanos de língua oficial portuguesa apresentam percentagens mais elevadas de escolaridade acima do 3º ciclo, superiores a 70%.

A estrutura de classes varia substancialmente com a ascendência (quadro 8). As famílias autóctones, francamente mais do que as famílias imigrantes, estão representadas nas classes médias/altas. Entre as famílias imigrantes verifica-se que as famílias com ascendência nos PALOP estão sobretudo representadas nas classes populares.

Quadro 8.

Classe social e escolaridade dos progenitores dos alunos inquiridos, por origem (%)

Origem	Classes sociais		Escolaridade mãe		Escolaridade pai	
	Populares	Médias/ altas	≤ 2º ciclo	≥ 3º ciclo	≤ 2º ciclo	≥ 3º ciclo
Autóctones	54,8	45,2	35,9	64,1	38,0	62,0
Origem imigrante	67,8	32,2	42,0	58,0	36,1	63,9
PALOP	74,1	25,9	51,2	48,8	43,7	56,3
Outras origens	64,3	35,7	24,1	75,9	22,5	77,5
Total	59,0	41,0	37,9	62,1	37,4	62,6

Fonte: ITEOP (2007)

Observando a distribuição do sucesso escolar pelas principais variáveis de caracterização social (quadro 9), constatamos que as trajectórias escolares dos inquiridos definem-se mais pelo sucesso escolar, do que pelos percursos assinalados pela experiência da reprovação, já que 58% dos alunos nunca reprovaram. Entre as raparigas há uma maior proporção de alunos com trajectórias escolares sem episódios de reprovações (mais 4%). É entre classes sociais (médias/altas e populares) que encontramos uma maior diferença de desempenhos ($\Delta 18\%$), uma diferença superior à encontrada entre alunos autóctones e descendentes de imigrantes (12%). No entanto, se tomarmos isoladamente os alunos oriundos de famílias africanas, essa diferença ascende aos 20%, ganhando um peso equivalente ao da classe social.

Quadro 9.

Sucesso escolar (%)

		(%)	Δ %
Sexo	Feminino	60,0	4,0%
	Masculino	56,0	
Classes sociais	Médias/Altas	69,7	18,3%
	Populares	51,4	
Origem nacional	Autóctones	62,4	12,3%
	Origem imigrante	50,1	
	Origem PALOP	42,1	
	Outras origens	59,8	

Fonte: ITEOP (2007)

Mas o que acontece quando uniformizamos os universos em termos das suas características, e procuramos perceber o impacto das restantes variáveis? Em que medida variáveis como a classe social, o capital escolar dos pais e a origem nacional influenciam as trajectórias escolares dos alunos?

Ao considerar a diversidade de ascendências, verifica-se que o efeito de classe nas trajectórias escolares é mais forte para os alunos autóctones e que, ao contrário, o sucesso dos alunos descendentes de imigrantes está menos relacionado com o lugar que as suas famílias ocupam na estrutura de classes (quadro 10). Por outro lado, constata-se que, como acontecia no inquérito anterior (suprereferido), é nas classes populares que os alunos descendentes de imigrantes e os alunos autóctones se aproximam e é de salientar que quando todas as famílias pertencem às classes populares, os descendentes de imigrantes oriundos de países que não pertencem aos PALOP têm maior sucesso escolar que os alunos autóctones. Constata-se ainda que: i) a diferença de sucesso escolar entre sexos é maior nos alunos oriundos dos PALOP (as raparigas têm mais 10% de sucesso) e semelhante entre alunos autóctones e alunos com origem imigrante, tomados no seu conjunto; ii) a estrutura de classes parece ter um maior impacto entre os alunos autóctones que entre os alunos descendentes de imigrantes: a diferença é de 19 e de 15 pontos percentuais, respectivamente.

Quadro 10.

Sucesso escolar segundo a origem nacional (%)

Origem nacional	Total	Sexo Fem.	Sexo Masc.	Classes Populares	Classes médias/ altas
Autóctones	62,4	64,2	60,2	55,2	73,9
Origem Imigrante	50,1	52,1	47,3	47,0	61,9
Origem PALOP	42,1	45,9	35,9	39,8	54,5
Outras origens	59,8	63	56,1	58,7	61,9

Fonte: ITEOP (2007)

Entre os inquiridos de diferentes classes sociais, mais uma vez, verifica-se um maior desfazamento entre as percentagens de trajectórias de sucesso, com os alunos inseridos em famílias de classes médias/altas a reprovarem menos (19%) que os alunos inseridos em classes populares.

Ao homogeneizarmos a classe social das famílias (quadro 11), verifica-se que: i) as diferenças entre os resultados obtidos pelos rapazes e pelas raparigas são maiores entre os alunos de classes populares, em que os rapazes têm uma percentagem de sucesso 7% inferior; ii) nas classes médias/altas, a diferença de sucesso entre os alunos de famílias oriundas dos PALOP e os autóctones é a mais elevada (18% de diferença); iii) nas classes populares, entre autóctones e descendentes de imigrantes oriundos dos PALOP a diferença de sucesso (15%), embora inferior à anteriormente assinalada, também é significativa – o dobro da verificada entre os autóctones e a totalidade dos descendentes de imigrantes (7%).

Quadro 11.

Sucesso escolar segundo a classe social dos progenitores (%)

Classes sociais	Total	Sexo Fem.	Sexo Masc.	Autóctones	Origem Imigrante	Origem PALOP	Outras origens
Médias/altas	69,7	70,0	69,4	73,1	59,8	54,7	56,7
Populares	51,4	54,5	47,1	54,2	46,8	38,9	61,1

Fonte: ITEOP (2007)

Quando uniformizamos o universo dos jovens inquiridos segundo o sexo, constatamos que as diferenças de sucesso são acentuadas entre rapazes de classes sociais distintas (20% mais de sucesso nas classes médias/altas) e entre rapazes autóctones e descendentes de imigrantes dos PALOP (os últimos a apresentarem menos 24,3% de sucesso que os primeiros) (quadro 12). Entre raparigas, as diferenças de classe apresentam-se menores, ainda que também se verifique o valor maior de diferenciação entre raparigas autóctones e com origem nos PALOP.

Quadro 12.

Sucesso escolar segundo sexo (%)

Sexo	Total	Classes populares	Classes Médias/ altas	Autóctones	Origem Imigrante	Origem PALOP	Outras origens
Masculino	56,0	49,2	69,4	60,2	47,3	35,9	56,1
Feminino	60,0	59,3	72,2	64,2	52,1	45,9	63,0

Fonte: ITEOP (2007)

Se atendermos à escolaridade dos pais (quadro 12) verificamos, também neste caso, uma variação directa entre o sucesso escolar e a escolaridade que estes completaram – quando a mãe completou, pelo menos o 9º ano de escolaridade (3º ciclo) as trajectórias de sucesso escolar aumentam 17,8%, e, no caso do pai esse aumento é de 18,6%.

Quadro 13.

Sucesso escolar segundo escolaridade dos progenitores (%)

	Total	Autóctones	Origem Imigrante	Origem PALOP	Outras origens	
Mãe	≥ 3º ciclo	65,6	69,5	57,0	44,8	73,0
	≤ 2º ciclo	47,8	50,4	43,2	40,0	30,0
Pai	≥ 3º ciclo	66,6	71,6	56,6	46,1	66,1
	≤ 2º ciclo	48,0	50,2	43,3	37,1	50,0

Fonte: ITEOP (2007)

É, justamente, nesta variável que se encontra a maior diferença entre o desempenho escolar dos alunos, considerando a sua origem nacional. Tal como acontecia na primeira pesquisa, quando realizamos o confronto entre os grupos, inserindo-se todos nas famílias menos escolarizadas, a diferença de sucesso escolar entre autóctones e descendentes de imigrantes, em especial no caso dos que têm origem nos PALOP, reduz-se significativamente; no entanto, no caso destes dados, não se chega a verificar uma superação dos resultados escolares dos alunos com origem imigrante, em relação aos dos colegas autóctones.

Concluindo

Os dados recolhidos documentam a importância de se considerarem as condições socioprofissionais e escolares das famílias dos alunos sempre que comparamos os seus desempenhos escolares, já que estes se aproximam sempre que são tidas em conta essas condições. De facto, a omissão da classe social na análise e discussão dos processos de escolarização de alunos etnicamente diferenciados, e a sua pressuposta

homogeneização social, leva a que “dificuldades que se devem mais a uma pertença de classe particular do que a determinados traços de especificidade cultural [sejam] muitas vezes interpretados ao contrário” (Machado, 2002:318), comprometendo a análise, problematização e desocultação dos sentidos, estratégias e dinâmicas da acção individual e grupal, e sua segmentação interna.

Os resultados de ambas as pesquisas indicam que a origem nacional, quando controladas as variáveis de caracterização sociodemográfica, não tem mais impacto nos percursos escolares dos alunos inquiridos que outras variáveis. Ao contrário, as habilitações literárias dos pais dos alunos e a sua inserção na estrutura de classes sociais prefiguram-se como mais determinantes na modelação do desempenho escolar.

No entanto, as diferenças de desempenho não desaparecem quando controlamos o efeito destas variáveis, o que evidencia o sentido de mantermos na análise as variáveis da origem nacional dos alunos. Uma vez que a hierarquia entre os grupos permanece (apesar da distância diminuir) mesmo quando essas condições familiares são igualadas, podemos concluir pela insuficiência das propriedades sociais familiares no entendimento das diferenças nos resultados escolares.

Ambas as pesquisas revelam, ainda, que, nos grupos sociais mais favorecidos, comparando os alunos autóctones e os alunos descendentes de imigrantes, aumentam as diferenças de desempenho; a distância entre os resultados escolares dos rapazes e das raparigas aumenta no caso dos descendentes de imigrantes (sobretudo oriundos dos PALOP), favorecendo estas últimas.

No mesmo sentido do que os múltiplos estudos têm documentado, os dados revelam, de forma muito expressiva e inequívoca, a reprodução da estrutura de oportunidades nas trajectórias escolares: os alunos de famílias com maiores recursos obtêm os melhores resultados e o decréscimo no volume dos diferentes capitais disponíveis pela família é acompanhado da redução sistemática de sucesso escolar.

Os recursos das famílias, não só escolares e culturais, mas também socioprofissionais e económicos, são determinantes no desenvolvimento de estratégias sociais, individuais e colectivas face à escolarização, e no desenrolar das trajectórias de vida. Como afirma António Firmino da Costa “o que os agentes sociais pensam, dizem e fazem depende em grande medida – embora não exclusivamente, nem sempre do mesmo modo ou com a mesma intensidade – de um conjunto de propriedades sociais que os caracterizam e os situam, uns em relação aos outros, em posições distintas, com desiguais poderes e recursos, oportunidades e disposições” (Costa, 1999: 210).

A relação entre, por um lado, os recursos culturais, económicos e simbólicos dos grupos sociais presentes na escola e, por outro, o modo com a escola se estrutura e percebe estes recursos formam não só experiências diferenciadas, com grau variável de sucesso, como quadros complexos de análise. A atribuição precipitada de “primados” explicativos – exógenos sobre endógenos à realidade escolar, por exemplo, ou étnicos e culturais sobre sociais, e vice-versa, por parte de agentes escolares e investigadores, trazem implicações, distorções e sectarismo aos contributos que se têm desenvolvido. Uma análise integrada, processual e multidimensional poderá controlar alguns destes efeitos. Haverá por isso que ter em conta os grupos, e estratégias que desenvolvem para melhorar as suas condições de existência e confrontar as vantagens

relativas da instrução e da ocupação profissional nas suas diversas formas. Será a partir destes, das suas especificidades e diferenciações sociais e culturais, em articulação com ofertas, modelos e funcionamentos institucionais que se poderão abordar os processos de escolarização, os destinos individuais e as configurações sociais mais amplas.

Bibliografia

BOULOT, S.; BOYZON-FRADET, D. (1988), *Les immigrés et l'école: une course d'obstacles*, Paris, L'Harmattan - CIEMI.

COSTA, A. F. (1999), *Sociedade de Bairro - Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*, Oeiras, Celta.

COSTA, A.F.; MAURITTI, R. (2000), "Classes Sociais na Europa", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 34, pp. 9-43.

MACHADO, F. L. (2002), *Contrastes e Continuidades: Migração, Etnicidade e Integração dos Guineenses em Portugal*, Oeiras, Celta.

MACHADO, F. L.; MATIAS, A. R.; LEAL, S. (2005), "Desigualdades sociais e diferenças culturais: uma análise extensiva e multidimensional dos resultados escolares dos filhos de imigrantes africanos em Portugal", *Análise Social*, XL(176), pp. 695-714.

PORTES, A.; WILSON, K. L. (1976), "Black-White differences in educational attainment", *American Sociological Review*, 41(June), pp. 414-431.

SEABRA, T. (2008), *Desempenho escolar, desigualdades sociais e etnicidade: os descendentes de imigrantes indianos e cabo-verdianos no ensino básico em Portugal*, ISCTE, Lisboa (Tese de Doutoramento).

SEABRA, T.; MATEUS, S. (2003), "Os descendentes de imigrantes na escola portuguesa: contingente, localização e resultados", *Revista de Estudios e Investigación en Psicología e Educación*, 10(8), pp. 820-833.

TRIBALAT, M. (1995), *Faire France. Une Enquête sur les immigrés et leurs enfants*, Paris, La Découverte.

VALLET, L.-A. (1996), «L'assimilation scolaire des enfants issus de l'immigration et son interprétation: un examen sur données françaises», *Revue Française de Pédagogie*, 117(octobre-novembre-décembre), pp. 7-27.

VERNEZ, G.; ABRAHAMSE A. (1996), *How Immigrants fare in U.S. education*, Santa Monica, RAND.

Abstract:

This paper analyses the school pathways of immigrants' children and their native classmates in lower secondary education. It covers variables such as the place of birth and nationality of the children and their parents, the parents' social class and schooling, academic experience and aspirations and expectations in school. The results indicate that national origin, after controlling the effect of the socio-demographic variables, has little impact on the students' school pathways and that the parents' academic qualifications and the students' sex are more relevant.

Keywords:

Immigrants' children; Education; Social properties; School performance; Aspirations.

Résumé:

Ce texte analyse les parcours scolaires des descendants d'immigrés, et de leurs camarades autochtones, dans la scolarité obligatoire (premier cycle de l'enseignement secondaire), à partir de variables telles que le pays de naissance et la nationalité des enfants et de leurs parents, la classe sociale et la scolarité des parents, l'expérience scolaire, les aspirations et les attentes scolaires. Les résultats indiquent que l'origine nationale, lorsque l'influence des variables de caractérisation sociodémographique est contrôlée, a peu d'impact sur les parcours scolaires des élèves et que la scolarité des parents ainsi que le sexe des élèves sont les facteurs les plus déterminants.

Mots-clés:

Descendants d'immigrés; Éducation; Propriétés sociaux; Résultats scolaires; Aspirations.